

Curso de História - Bacharelado e Licenciatura

PROGRAMAÇÃO DAS APRESENTAÇÕES – 1º SEMESTRE/2016

BANCA: Quinta-Feira, 07 de julho de 2016

14:00 horas – Sala Carlos Antunes do Ed. D. Pedro I

Examinadores:

Dr. Clóvis Mendes Gruner (Presidente)

Dra. Martha Daisson Hameister (Membro Titular)

Dr. Fábio Sapragnas Andrioni (Membro Suplente)

CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO NOVO NA OBRA DE JOSÉ DE ACOSTA (1540-1600).

Autor: Lucas Salmoria de Souza Rosa.

Orientadora: Dra. Andréa Carla Dore.

PIER PAOLO PASOLINI E OS ITINERÁRIOS DE UM INTELLECTUAL EM AÇÃO: CINEMA, JORNALISMO E RESISTÊNCIA POLÍTICA

Autora: Leslie Barreto Gimenez.

Orientador: Dr. Vinícius Nicastro Honesko.

CONSTRUÇÃO DE UM NOVO MUNDO NA OBRA DE JOSÉ DE ACOSTA (1540-1600)

Autor: Lucas Salmoria de Souza Rosa

Orientadora: Andréa Doré

Termos chave: História da ciência; Novo Mundo; História e Geografia

Esta monografia trata da visão de Novo Mundo na obra *Historia Natural y Moral de las Indias*, do jesuíta José de Acosta, publicada em 1590 em Sevilha pela casa de Juan de León. A problemática que a pesquisa visou abordar foi a produção de uma noção de espaço sobre este lugar desconhecido para o pensamento europeu até aquele momento. A monografia utilizou-se de uma publicação moderna preparada por Edmund O’Gorman.¹ Durante o século XVI, diversos viajantes produziram obras relatando suas experiências nesse continente, construindo ideias e noções sobre o que seria a América. Nestas obras percebe-se o conflito entre várias correntes epistemológicas: a experiência se confrontava com o conhecimento clássico, chocando-se com a erudição e a compreensão do mundo daquele momento. José de Acosta foi um destes viajantes-autores: viajou para o vice-reino do Peru em 1572, em função missionária; após 14 anos, seguiu em 1586 para o vice-reino da Nova Espanha (atual México), retornando para a Espanha em 1587. A obra de Acosta foi estudada visando compreender como o jesuíta conciliou essas diferentes visões de mundo para explicar e construir uma geografia de um Novo Mundo.

O espaço, nesta pesquisa, não é visto como uma relação dada com o meio, ou seja, ele não é explicado e experimentado de forma idêntica ou semelhante por todos. Diferentes culturas produziram formas diferentes de ver o espaço. Michel de Certeau mostra como o relato geográfico altera-se dependendo da pessoa; a organização espacial muda segundo a visão de cada um.² Mapas também são visões culturais sobre o mundo. Brian Harley, analisando o aspecto discursivo dos mapas, aponta que estes são meios para representar tanto estruturas culturais quanto disputas políticas e de controle sobre regiões.³ Deste modo, a matemática, e especificamente a geometria, responsável por medir distâncias e apontar localizações como latitude ou longitude, é somente uma forma de perceber o espaço. Ela ainda é considerada como um discurso neutro, não-ideológico. Portanto, ao analisar o espaço, deve-se compreender como a cultura e as posições ideológicas do observador são incorporadas a sua visão geográfica. O estudo da obra de Acosta utilizou-se dos conceitos teóricos de Ricardo Padrón para analisar como o jesuíta constitui uma narrativa geográfica pautada nos valores de seu momento histórico. Padrón afirma que o relato sobre um local cria uma narrativa sobre ele que lhe atribui significado, ou seja, a geografia cria um significado para os lugares, de modo semelhante ao que a história faz com o passado. Essa significação é nomeada de *metageografia*.⁴

No período estudado, a Cosmografia era a área de estudo responsável pela produção de conhecimento espacial sobre o mundo – chamado, então, de *eukumene*. Esta área de estudo divide-se em vários tipos de abordagem, diferenciando-se quanto à dimensão da área estudada e à abordagem sobre o mundo. Quanto à dimensão, ela

¹ ACOSTA, Joseph de. *Historia natural y moral de las Indias*: en que se tratan de las cosas notables del cielo / elementos / metales / plantas y animales dellas y los ritos / y ceremonias / leyes y gobierno de los indios. México: Fondo de Cultura Economica, 2006.

² CERTEAU, Michel de. Relato de Espaços. In: *A Invenção do Cotidiano*: Artes de Fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, pp. 199-217.

³ HARLEY, J. B. *La nueva naturaleza de los mapas*: Ensayos sobre la historia de la cartografía. Tradução: Leticia García Cortés, Juan Carlos Rodríguez. México: FCE, 2005.

⁴ PADRÓN, Ricardo. *The Spacious Word*: Cartography, Literature, and Empire in Early Modern Spain. Chicago: The University of Chicago Press, 2004, pp. 1-44.

divide-se em três campos: a cosmografia trata do cosmos – visão do mundo e das estrelas; a geografia é responsável pela representação dos continentes e pela localização de reinos; por fim, a corografia trata de regiões pequenas, como cidades e portos. As diferentes abordagens da Cosmografia também se dividem em três: a representação imagética, a descrição literária e a filosofia natural, que tratava do funcionamento do mundo. As obras de Acosta inserem-se nos domínios da descrição literária e da filosofia natural. Entre o século XVI e o XVIII, a cosmografia deixou de ser uma área de conhecimento pautada no saber filosófico e, em muitos casos, metafórico, para privilegiar uma exatidão definida segundo padrões matemáticos na representação do mundo.⁵

As mudanças desses paradigmas não ocorreram de forma linear, mas foram incentivadas por necessidades específicas de caráter político, como, por exemplo, o projeto imperial da Coroa de Espanha. Segundo Mauricio Olarte, várias instituições burocráticas e normas reais foram criadas para consolidar um saber que possibilitasse a formação de um império. A *Casa de la Contratación* é um exemplo clássico do uso da cosmografia para fins políticos. Criada em 1503, em Sevilha, ela atuava em diferentes campos, fiscalizando viagens às novas regiões e controlando o fluxo de informações a respeito delas. Ela também regulava a publicação de informações sobre o Novo Mundo, o sigilo quanto as rotas de viagem e localização de minas levou a diversas obras serem mantidas somente como manuscritos. Olarte afirma que as ordenações reais do século XVI também tratavam da forma de observar e descrever o Novo Mundo. Essas regras feitas pela Coroa podem ser vistas, segundo o historiador, como uma forma de estipular uma metodologia oficial de descrição das Índias Ocidentais.⁶

Olarte defende que as diversas instituições criadas e regras estipuladas para as expedições do Novo Mundo pelos reinos ibéricos serviram para o desenvolvimento dos processos científicos do período moderno. O autor define a *Casa de la Contratación* como uma instituição pré-moderna devido à complexidade de suas funções. Deste modo, incluindo a Península Ibérica na construção da ciência moderna.⁷ Bruno Latour aponta que a recolha de informação e sistematização de informação tem um papel fundamental na construção da ciência moderna. Segundo o filósofo, o desenvolvimento da ciência não ocorreu somente por causa da mudança de compreensão de mundo. Uma burocracia sistemática teve que ser consolidada para permitir a criação de uma rede de informações de diversos locais do globo com um centro que organizassem conhecimento. Essa estrutura interligando diversos localidades levou a construção de um saber sobre mundo.⁸ O modelo definido por Latour assemelha-se aos procedimentos criados pela Coroa Espanhola para exploração e conhecimento da América. Percebe-se, portanto, como a política também influencia o conhecimento sobre o mundo, construindo visões de mundo que atendam a suas intenções e necessidades ideológicas.

Como já apontado, o século XVI foi um período de embates entre visões de mundo e formas de compreendê-lo. Modelos cosmográficos medievais foram criticados por meio da experiência das navegações, que possibilitaram o encontro de novas regiões e rotas marítimas antes pensadas como impossíveis. Entre as principais teorias

⁵ VOGEL, Klaus A. *Cosmography*. In: PARK, Katharine; DASTON, Lorraine. *The Cambridge History of Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, pp. 469-496.

⁶ OLARTE, Mauricio Nieto. *Las máquinas del império y el reino de Dios: Reflexiones sobre ciencia, tecnología y religión en el mundo atlántico del siglo XVI*. Bogotá: Universidad de los Andes, Facultad de Ciencias Sociales, Ediciones Uniandes, 2013, pp. 35-52.

⁷ *Idem*, pp. 183-206.

⁸ LATOUR, Bruno. “Cognição e visualização”. Tradução: David Palacios. In: *Terra Brasilis* (Nova Série). n. 4, 2015. Acessado em: < <http://terra-brasilis.revues.org/1308>>, de 14 fevereiro 2016.

criticadas, a da *zona tórrida* foi uma das mais confrontadas pelos viajantes. De autoria atribuída a Aristóteles, ela afirmava a impossibilidade da existência de vida no Equador, devido ao calor. A circum-navegação do continente africano pelos portugueses comprovou a possibilidade de vida na zona equatorial. Outra teoria debatida nesse período foi a da existência das Antípodas – região supostamente localizada do “outro” lado do mundo. Com a chegada dos europeus à América, teorias de doutores da Igreja, como Santo Agostinho (354-430), que negavam a possibilidade da existência dessa região, passaram a ser questionadas. Essas teorias medievais e conhecimentos cosmográficos clássicos foram refutados por alguns pensadores e cosmógrafos, mas, em muitos casos, foram remodelados para ajustar-se à experiência. Acosta foi um dos autores que utilizaram essas diferentes vertentes para construir um conhecimento.⁹

Devido a essa quebra com o conhecimento estabelecido, a ideia de América é interpretada pela historiografia como uma forma de enquadrar essa região desconhecida no pensamento europeu. Edmund O’Gorman interpreta os discursos produzidos sobre o Novo Mundo como uma forma de invenção de outro lugar separado da *orbis terrarum*. O discurso de uma invenção identifica todo o continente como um lugar homogêneo e unitário. O historiador mexicano aponta a invenção no discurso da descoberta da América por Cristóvão Colombo (1451-1506). O navegador desvelou todo um continente ao chegar na atual ilha de Cuba, assim se atribui um sentido e significado para essa região por meio de uma visão teleológica da História. O’Gorman afirma que essa visão do continente é insustentável pela dimensão do que foi atribuído como descoberta e pelas considerações do próprio Colombo. Este acreditava ter chegado na Ásia, e defendeu essa ideia por toda a sua vida. Essa invenção também atende às finalidades políticas, ou seja, como a descoberta pelo almirante atribui o direito de posse de todo um continente à Espanha. Deste modo, a América foi inventada para poder atender às necessidades europeias, principalmente espanholas no século XVI, sejam políticas ou intelectuais.¹⁰ Ricardo Padrón, principal referência teórico-metodológica, segue a historiografia de O’Gorman, o conceito de *metageografia* também é derivado do historiador mexicano. Contudo, a historiografia atual não estrutura a América como uma invenção, mas trabalha com a noção de construção. Deste modo, os estudos visam compreender como os diversos textos tanto de viajantes e cosmógrafos com diferentes perspectivas consolidam uma visão de um continente.

Para estudar a forma como o jesuíta elabora esse conhecimento e consolida uma compreensão do continente dentro das visões de mundo anteriores, foram selecionadas três diferentes vertentes como metodologia: a erudição de autores clássicos, a experiência da viagem e a doutrina religiosa. Essas três linhas argumentativas não estão explícitas na obra. Elas foram identificadas levando em consideração o contexto histórico, para analisar como Acosta atribui significado ao Novo Mundo. A *Historia Natural y Moral de las Indias* é dividida em sete livros. Os quatro primeiros tratam da história natural – aspectos geográficos e naturais. Os três últimos abordam as populações das Índias Ocidentais – seus costumes e história. Para este estudo, foram analisados os quatro primeiros livros, onde se aborda a problemática da pesquisa. Os dois primeiros livros pertenciam a uma obra anterior de Acosta, o *De Natura Novi Orbis*, escrito em 1583. No sétimo e último livro da obra que trata da história dos astecas não foi objeto de análise, mas deve apresentar uma acusação de plágio feita ao padre. Este livro aponta-se como referência das informações outro jesuíta Juan de Tovar

⁹ RANGLES, W. G. L. *Da Terra Plana ao Globo Terrestre: Uma Rápida Mutação Epistemológica 1480-1520*. Tradu o: Teresa Braga. Lisboa: Gradativa, 1990, pp. 11-42.

¹⁰ O’GORMAN, Edmundo. *A Inven o da América*. Tradu o: Ana Maria Martinez Corrêa; Manoel Lelo Belloto. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

(1543-1626), contudo Acosta foi acusado de plágio dos escritos do frade Diego Durán (1537-1588) pela historiografia. Em 1882, encontrou-se carta trocada entre Tovar e Durán permitindo o uso do texto, que foi passado para Acosta.¹¹

No primeiro livro trata do cosmos e esclarece suposições correntes sobre as Índias Ocidentais. Acosta defende o conhecimento clássico, justificando o desconhecimento dessas novas regiões, e faz certas correções sobre o que afirmam sobre o Novo Mundo e as populações que o habitam. Nesse primeiro livro, o jesuíta trata da existência dos Antípodas e do motivo da negação de sua existência. O segundo livro trata da zona tórrida, do clima e, principalmente, da umidade dessa parte do mundo. Apontam-se os erros dos clássicos ao definirem-na como local desabitado por causa do calor; contudo, ao final, Acosta se utiliza de conhecimentos aristotélicos sobre o mundo, afirmando que não se deve desconsiderar o saber antigo, apesar de seus erros. O terceiro livro trata dos quatro elementos – água, terra, ar e fogo – no contexto do Novo Mundo, segundo o pensamento aristotélico. No quarto livro, abordam-se os metais, plantas e animais dessa região, formados a partir da junção dos quatro elementos. Neste livro, o autor destaca ainda a mineração feita no Peru, as minas e métodos de extração.

Acosta não descreve o Novo Mundo seguindo um trajeto de viagem, ou seja, definindo a localização das possessões espanholas e contextualizando-as com comentários sobre costumes e natureza. O jesuíta constrói uma narrativa, segundo os conceitos de Padrón, trabalhando com uma noção de espaço generalizada por meio de uma visão panorâmica. Por meio desse modelo de narrativa, a obra retrata uma ideia geográfica de unidade de toda a América. Padrón aponta que as obras de Gonzalo Fernández de Oviedo (1478-1557), Francisco López de Gómara (1511-1564) e Bartolomeu de Las Casas (1474-1566), também constroem uma visão coesa e unida da América, utilizando-se desse modelo de narrativa para consolidar seus interesses. Contudo, cada cronista teve diferentes intenções: os dois primeiros descreveram um espaço dominado pelo Império Espanhol, e o terceiro criticou essa visão.¹² Nota-se que nesse período a visão sobre essa região estava em disputa. Acosta pertence a essa historiografia sobre o Novo Mundo, contudo, como mencionado, o jesuíta não consolida uma visão sobre essa região separado do saber antigo. Segundo O’Gorman, José de Acosta propõe explicar as diferenças desse local, deste modo o autor tem a intenção de inserir a América nos modelos vigentes e não consolidar outra espacialidade. A América, portanto, é identificada como uma outra parte da *orbis terrarum*, semelhante a África, Ásia e Europa.¹³

As três vertentes metodológicas escolhidas identificam como o jesuíta realiza esse processo de explicação. Analisando-se primeiramente a relação de Acosta com os pensadores clássicos, percebe-se como o autor vincula-se ao pensamento aristotélico. Ao longo da obra, o jesuíta tanto utiliza a organização aristotélica do cosmo para explicar o funcionamento do Novo Mundo. Essa divisão dos cosmos consiste em dividi-lo em quatro esferas concêntricas: primeiro a água; seguida da esfera de terra que esta emerge; essas duas estão envolvidas pela de ar; por fim, fogo estaria acima da de ar. Exemplo do uso desse modelo é ao explicar o clima e a temperatura nas Índias Ocidentais, apresenta-se como motivo o movimento dos ventos na esfera de ar. O jesuíta também defende o filósofo grego por seus erros quanto à zona tórrida, culpando cronistas e historiadores por fornecerem informações errôneas. Na obra também cita outros pensadores da antiguidade, como Plínio. Esses não são referenciados tanto quanto

¹¹ O’GORMAN, Edmund. Prefácio In: ACOSTA, *op cit*, pp. 17-31.

¹² PADRÓN, *op cit*, pp. 137-184.

¹³ O’GORMAN, Edmund. Prefácio In: ACOSTA, *op cit*, pp. 59-65.

o filósofo para explicar a geografia, mas ainda seus textos são utilizados para explicar algumas circunstâncias do Novo Mundo.

Passando à experiência, esta parece no texto quando o autor apresenta a si mesmo como referência: a descrição dos locais e da natureza é pautada na admissão da experiência como forma válida de conhecimento. Diversos cronistas, como Oviedo e Las Casas, escreveram obras que se validavam pela afirmação da experiência da viagem pelo autor. Walter Mignolo aponta que os sentidos como visão e audição são valorizados na construção deste novo saber, o qual a erudição clássica não explica.¹⁴ Como já apresentado, nesse período o conhecimento da Antiguidade é questionado, por causa das peculiaridades das Índias Ocidentais. A erudição é vista como incapaz de explicar essa região. Um exemplo Olarte aponta que os viajantes recorriam a analogias para explicar os animais, plantas e condições naturais.¹⁵ Como visto, Acosta não nega o conhecimento dos antigos, utilizando-o conjuntamente com sua experiência para explicar o Novo Mundo. A experiência, portanto, atua como uma forma de atualização de modelos clássicos. José Antonio Maravall utiliza a expressão “anões nos ombros de gigantes” para definir o posicionamento do século XVI sobre os antigos: esta expressão define bem as considerações de Acosta quanto a esse conhecimento.¹⁶

A terceira componente na obra de Acosta é a tradição religiosa bíblica. Esta nunca é criticada ou questionada: ela se mostra como uma base para toda a compreensão do mundo, estando acima das duas outras vertentes. Sendo o mundo uma criação do Divino, compreender a geografia é uma forma de admirar sua obra. Ao discorrer sobre a razão, Acosta aponta que ela deve estar submetida à fé, pois o conhecimento que o ser humano detém passa pela vontade divina. As Sagradas Escrituras são interpretadas sempre conforme a experiência da realidade, pois, sendo o mundo um desígnio do Criador, não pode haver contradição entre os dois. Sendo José de Acosta uma figura religiosa, ele não tem a intenção de desmerecer a tradição religiosa, mas sim de legitimá-la perante as descobertas. A união da América com o restante do mundo também atua na atualização dessa tradição, pois, deste modo, explica-se a origem dos animais e pessoas do Novo Mundo e valida-se as comunidades indígenas como pertencentes ao gênero humano e integrantes da Cristandade.

Concluindo, José de Acosta constrói um Novo Mundo integrado ao cristianismo e vinculado ao modelo aristotélico do cosmo, sendo a experiência fundamental para compreender essa região em suas muitas peculiaridades. A *metageografia* na obra de Acosta trata de incorporar a América ao mundo cristão. A visão de um continente segundo os paradigmas que estavam sendo questionados pode ser vista como uma posição conservadora do conhecimento da época, contudo o missionário demonstra como esse conhecimento clássico associado com a religiosidade é capaz de se adaptar e se renovar perante os questionamentos e críticas. Quanto aos aspectos políticos da obra, embora não tenha a intenção de legitimar o domínio da Coroa espanhola, Acosta estrutura uma visão de unidade sobre o Novo Mundo que contribui para o projeto de colonização do continente, semelhante a outros cronistas apresentados. Por fim, a atuação deste missionário na produção de conhecimento sobre a América mostra como figuras eclesiásticas também participaram no desenvolvimento da ideia de ciência.

¹⁴MIGNOLO, Walter D. “El Metatexto Historiografico y la Historiografia Indiana”. *MLN*. Vol.96, n.º2, Hispanic Issue, 1981, p. 388.

¹⁵OLARTE, *op cit*, pp. 211-246.

¹⁶MARAVALL, T. A. Hacia una Visión Secularizada e Inmanente del Avance Historico. In: *Antiguo y Moderno*. Madrid: Alianza, 1986, pp. 588-592.